



livro de resumos

congresso internacional

Job justiça e sofrimento



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Ficha técnica

TÍTULO

Congresso Internacional “Job: justiça e sofrimento” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Ana Maria Ramalheira, Carlos Morais,
João de Mancelos, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lídia Coimbra

CAPA

Baseada num cartaz de Sofia Almeida (SCIRP-UA),
a partir de um desenho original de Nataliya Hanzha

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro

1.ª EDIÇÃO

Maior de 2023

ISBN

ISBN - 978-972-789-853-4

DOI

DOI - <https://doi.org/10.48528/6b44-kh54>



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Índice

| | | |
|----------------|-------|----|
| Apresentação | | 4 |
| Comissões | | 5 |
| Programa | | 8 |
| Primeiro dia | | 9 |
| Segundo dia | | 11 |
| Conferencistas | | 12 |
| Resumos | | 16 |
| Apoios | | 53 |

Apresentação

Na matriz da cultura ocidental, destacam-se os Poemas Homéricos e a Bíblia. Ao longo dos séculos, essas e outras obras têm gerado um manancial de mitos, símbolos, temas e formas de pensamento acerca da condição humana e da identidade nacional. Na sequência de eventos e publicações científicas já realizados, o projeto “Mitografias: temas e variações” – do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, Portugal – desenvolve e consolida a investigação neste amplo domínio do saber. Em cada um dos anos de duração do projeto, tem-se realizado investigação e sua respetiva disseminação em, pelo menos, um congresso internacional e uma publicação coletiva. Mais informações podem ser consultadas em <<https://www.ua.pt/pt/cllc/page/23222>>.

Organizado no âmbito deste projeto, o Congresso Internacional “Job: justiça e sofrimento” <<https://job.web.ua.pt>> decorre no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 10 e 11 de maio de 2023. Esta reunião científica vem na sequência de congressos realizados nos últimos anos, no âmbito do referido projeto:

- 2015: Caim e Abel: família e conflito;
- 2016: Exodus: migrações e fronteiras;
- 2017: Em busca da Terra prometida: mitos de salvação;
- 2018: Arca de Noé: catástrofe e redenção;
- 2019: Olhares de Narciso: egotismo e alienação;
- 2020/21: Torre de Babel: alteridade e estereótipos¹;
- 2022: A fúria de Aquiles: as faces da guerra.

Com a presente iniciativa pretende-se dar continuidade, reforçar e promover a investigação em áreas multidisciplinares, compreendendo a literatura, a cultura, a linguística e a tradução, bem como as suas relações com outros domínios científicos, literários, artísticos e culturais. Os trabalhos centram-se nas áreas temáticas seguintes:

- Receção da figura de Job na literatura;
- Representações de Job no cinema e noutras artes;
- Sofrimento e resistência;
- Injustiça, provação e recompensa;
- *Hybris* e castigo;
- Fidelidade e integridade;
- Fragilidades da condição humana;
- Esperança e vida.

¹ Congresso não realizado, devido à pandemia, mas convertido em chamada de trabalhos para volume temático.



comissões

Comissão organizadora

António Manuel Ferreira
Ana Maria Ramalheira
Carlos Morais
João de Mancelos
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

Coordenação do secretariado durante o evento

Andreia Fragata Oliveira Boia

Comissão científica

Agnaldo Rodrigues da Silva (Unemat/AML, Brasil)
Alex Villas Boas (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa / PUCPR, Brasil)
Ana Alexandra de Sousa (Universidade de Lisboa)
António Manuel Ribeiro Rebelo (Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra)
Belmiro Fernandes Pereira (Universidade do Porto)
Carlota Miranda Urbano (Universidade de Coimbra)
Eduardo Mahon (escritor / Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat)
Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin (DLCV – FFCH –USP, Brasil)
Hans Ausloos (Univ. Louvain-la-Neuve, Bélgica)
Isabel Maria Loureiro de Roboredo Seara (Universidade Aberta)
José Augusto Martins Ramos (Universidade de Lisboa)
José Carlos Miranda (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Luísa Maria Almendra (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa)
Luiz Gonzaga Marchezan ((UNESP Araraquara, Brasil)
Marcos Aparecido Lopes (Unicamp, Brasil)
Maria Antónia Lopes (Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra)
María Cecilia Colombani (Universidad de Morón, Argentina)
Maria do Céu Fialho (CECH, Universidade de Coimbra)
Maria do Rosário Soveral (Faculdade de Letras, Universidade do Porto)
María Teresa Santa María Fernández (Universidad Internacional de La Rioja)
Marta Isabel de Oliveira Várzeas (Universidade do Porto)
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)
Olga Maria Castrillon-Mendes (Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat)
Teresa Vallès Botey (Facultat d'Humanitats, Universitat Internacional de Catalunya)
Walnice Vilalva (Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat)

e os membros da Comissão Organizadora



programa

Primeiro dia

Quarta-feira, 10 de maio de 2023

08h30-09h00 – Receção dos participantes e entrega de documentação

09h00-09h20 – Sessão de abertura

09h20-10h20 – Conferências de abertura (moderação: António Manuel Ferreira)

- **Hans Ausloos** (F.R.S.-FNRS / Université Catholique de Louvain (UCLouvain), Bélgica) – *“Who, being innocent, ever perished?” (Job 4,7) The book of Job and the doctrine of retribution*
- **Teresa Vallès Botey** (Facultat d'Humanitats, Universitat Internacional de Catalunya) – *La figura de Job como motivo literario. El deseo de sentido ante el sufrimiento*

10h20-11h20 – Sessão A (moderação: Rosa Lídia Coimbra)

| Hora | Auditório Aldónio Gomes |
|-------------|--|
| 10h20-10h40 | António Manuel Ferreira (DLC/CLLC, Univ. Aveiro) – <i>Miguel Torga: um outro livro de Job</i> |
| 10h40-11h00 | João Leonel (Univ. Presbiteriana Mackenzie, SP, Brasil) – <i>Jó: vozes narrativas e recepção</i> |
| 11h00-11h20 | Debate |

11h20 – 11h40 – Intervalo para café

NB. Nos intervalos, será exibida a exposição multimédia “Representações de Job na arte”.

11h40-13h00 – Sessão B (moderação: Carlos Morais)

| Hora | Auditório |
|-------------|--|
| 11h40-12h00 | Carlota Maria Lopes Miranda Urbano (CECH / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) – <i>Job: o justo sofredor. Leitura agostiniana do sofrimento na queda do império</i> |
| 12h00-12h20 | Mariana Leite (FCT/ IF – Universidade do Porto) – <i>Job na Ibéria medieval: a tradução portuguesa do livro de Job no seu contexto peninsular</i> |
| 12h20-12h40 | José Carlos Miranda (Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Instituto de Filosofia) – <i>Dom Pedro, Conde de Barcelos, entre o Livro de Job e o Eclesiastes</i> |
| 12h40-13h00 | Debate |

13h00-14h50 – Intervalo para almoço

14h50-16h10 – Sessão C

| Hora | Auditório (moderação: Ana Maria Ramalheira) | Sala 2.1.11 (moderação: Fernanda Brasete) |
|-------------|---|--|
| 14h50-15h10 | María Cecilia Colombani (Universidad de Morón, Argentina) – <i>Job. La aventura del sufrimiento. El dolor y la fe como marcas antropológicas. Una lectura en clave filosófica</i> | Maria Cristina de Aguiar Campos (IFMT, Campus Cuiabá) & Olga Maria Castrillon-Mendes (Unemat) – <i>Constelações simbólicas no conto ‘Toada do Esquecido’, de Ricardo Guilherme Dicke</i> |
| 15h10-15h30 | Michel Mutaia Kanianga (CLLC, UA) – <i>Job, o justo infortúnio e a interpretação do sofrimento pelos amigos. Discursos de Elifaz</i> | Filipe Senos Ferreira (CLLC, Universidade de Aveiro) – <i>Somos filhos de Deus ou escravos do amor que lhe devemos? Job em Misericórdia, de Lídia Jorge</i> |
| 15h30-15h50 | Elena Martínez Carro (Universidad Internacional de La Rioja) – <i>La tradición bíblica de Job en la comedia barroca española</i> | Ana Fernandes (CLLC, Universidade de Aveiro) – <i>Entre o Livro de Job e Fausto de Goethe: o homem posto à prova</i> |
| 15h50-16h10 | Debate | Debate |

16h10-16h30 – Intervalo para café

16h30-18h10 – Sessão D

| Hora | Auditório (moderação: Carlota Urbano) | Sala 2.1.11 (moderação: Flávia Corradin) |
|-------------|--|--|
| 16h30-16h50 | María Teresa Santa María Fernández (Universidad Internacional de La Rioja) – <i>Job, personaje sufriente dentro de la poesía de León Felipe</i> | Ana Satiro CHAM (FCSH, Universidade Nova de Lisboa) & Isabel Gomes de Almeida (CHAM & DH, FCSH, Universidade Nova de Lisboa) – <i>O Justo Sofredor: doença, sofrimento e justiça na tradição sapiencial mesopotâmica</i> |
| 16h50-17h10 | Carmen Aljibe Varea (Universidad de Alicante) – <i>Función del arte en la literatura de la memoria traumática de la Segunda Guerra Mundial: Deutschstunde de Siegfried Lenz</i> | Maria de Fátima Rosa (Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) – <i>O caso curioso de um escriba desacreditado (A.1258+): difamação, sofrimento e absolvição na Mesopotâmia do séc. XVIII a.C.</i> |
| 17h10-17h30 | Luís Pimenta Lopes (Universidade da Madeira / Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho) – <i>Job nas memórias de um sobrevivente de Buchenwald: sobre a epígrafe de “A Morte Lenta” de Emile Henry (1945)</i> | Isabel Gomes de Almeida (CHAM & DH, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) – <i>Lacerou os seus olhos por mim” – os comportamentos (in)devidos na partilha da dor no ciclo mítico-literário de Inanna e Dumuzi</i> |
| 17h30-17h50 | Maria do Céu Fialho (CECH, Universidade de Coimbra) – <i>A denúncia poética de José Cardoso Pires, O Hóspede de Job</i> | Cândido Oliveira Martins (CEFH, Universidade Católica Portuguesa) – <i>Figuração de Job: da matriz bíblico-teológica às variações literárias</i> |
| 17h50-18h10 | Debate | Debate |

Segundo dia

Quinta-feira, 11 de maio de 2023

09h30-10h50 – Sessão E (moderação: Luiz Marchezan)

| Hora | Auditório |
|-------------|--|
| 09h30-09h50 | Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin (DLCV - FFCH –USP, Brasil) – O Livro de Jó: <i>um dos paradigmas de Mon Cas</i> |
| 09h50-10h10 | João de Mancelos (Universidade da Beira Interior/CLLC) – <i>Job e a comédia do sofrimento em A Serious Man (2009), dos irmãos Coen</i> |
| 10h10-10h30 | Marcos Aparecido Lopes (Unicamp, Brasil) – <i>Imaginação moral e sofrimento</i> |
| 10h30-10h50 | Debate |

10h50-11h10 – Intervalo para café

11h10-12h50 – Sessão F (moderação: João de Mancelos)

| Hora | Auditório |
|-------------|---|
| 11h10-11h30 | Marta Isabel de Oliveira Várzeas (Universidade do Porto) <i>Justiça, sofrimento e aprendizagem: A Oresteia de Ésquilo</i> |
| 11h30-11h50 | Luiz Gonzaga Marchezan ((UNESP Araraquara, Brasil) – <i>Entre mito e literatura: a contracorrente das águas em A terceira margem do rio, conto de João Guimarães Rosa</i> |
| 11h50-12h10 | Eduardo Mahon (Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat) – <i>Transgressão, sanção e redenção em Guimarães Rosa</i> |
| 12h10-12h30 | Ana Alexandra Alves de Sousa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) – <i>Fineu em Apolónio de Rodes: homem piedoso e filantropo</i> |
| 12h30-12h50 | Debate |

12h50-14h50 – Intervalo para almoço

14h50-16h10 – Sessão G

| Hora | Auditório (moderação: Alex Villas Boas) | Sala 2.1.11 (moderação: Ana Alexandra Sousa) |
|-------------|---|---|
| 14h50-15h10 | José Augusto Martins Ramos (CH-UL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) – <i>Níveis semânticos do conceito de justiça no livro de Job</i> | Carlos Pereira (CH-UL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) – <i>Influências de Job na literatura apócrifa cristã: o caso dos Atos dos Apóstolos</i> |
| 15h10-15h30 | Luísa Maria Almendra (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa) – <i>Job na perspectiva de uma sabedoria da criação. As tentativas da exegese recente</i> | Luis Henrique Menezes Fernandes (Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra) – <i>A primeira tradução integral do Livro de Jó em língua portuguesa: peripécias de sua trajetória manuscrita e editorial (1668-1819)</i> |
| 15h30-15h50 | Stephen Bay (Brigham Young University) – <i>The Reception of Job in the Earliest Christian Literature</i> | Sara Topete de Oliveira Pita (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro / CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra) – <i>Os movimentos argumentativos das emoções em discursos políticos</i> |
| 15h50-16h10 | Debate | Debate |

16h10-16h30 – Intervalo para café

16h30-17h30 – Conferências de encerramento (moderação: António Manuel Ferreira)

- Alex Villas Boas (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa / PUCPR, Brasil) – *A poesia como exercício kenótico em “Os dias de Job” de José Tolentino Mendonça*
- Maria do Rosário Soveral (Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Cultura Católica, Porto) – *Job: Dignidade e sofrimento*

17h30 – Sessão de encerramento



conferencistas

Conferências de abertura



Hans Ausloos é professor de estudos bíblicos na Universidade Católica de Lovaina (Bélgica) e diretor de pesquisa do Fundo Belga de Pesquisa Científica (F.R.S.-FNRS). É editor-chefe da *Old Testament Studies* (Leiden – Boston: Brill). Sobre Job, coeditou o volume *Job tussen leven en lijden. In beeld, woord en klank* (Leuven – Den Haag: Acco, 2010). A sua monografia *The Role of the Deuteronomist in Historical-Critical Research into Genesis–Numbers* (Old Testament Studies, 67), Leiden – Boston: Brill, 2015, foi galardoada com o prémio quinquenal Mgr. J. Coppens prize of the Royal Flemish Academy of Belgium for Science and the Arts (KVAB).



Teresa Vallès Botey é Doutora pela Universidad Pompeu Fabra, Mestre em Literatura Comparada: Estudios Literarios y Comparados (Universidad Autónoma de Barcelona), Mestre em Ciencias Cognitivas y Lenguaje (Universidad Autónoma de Barcelona) e Licenciada em Filología Catalana (Universidad de Barcelona). Premio Extraordinario de Doctorado da UPF e *visiting scholar* na Universidad de Leuven (Bélgica), Universidad de Leiden (Holanda), Universidad de Berna (Suíça) e Universidad de Tel Aviv (Israel). Atualmente é professora de Literatura Comparada na Facultad de Humanidades de la Universitat Internacional de Catalunya (Barcelona, España), na qual foi decana. Dirige o grupo de investigação Carlos Pujol, Literatura y Humanismo (SGR 383, 2017-2021) e é responsável pelo Fondo Personal Carlos Pujol. Publicou artigos académicos em revistas nacionais e internacionais como *Ínsula*, *Revista de Occidente*, *Signa*, *Revista Chilena de Literatura*, *Hispanic Research Journal*, *Bulletin of Hispanic Studies* y *Anales de Literatura Española Contemporánea*. Ao longo da sua trajetória de investigadora, publicou 15 artigos em revistas indexadas (10 em WOS, dos quais 2 são Q1 y 3 são Q2), 2 livros em editoras de prestígio e 19 capítulos de livro.

Conferências de encerramento



Alex Villas Boas é investigador principal (PI) e coordenador executivo do CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Livre-docente (Agregação) em Ética e Linguagem Teológica. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Foi editor-chefe da *Teoliterária* – Revista de Literaturas e Teologias (2011-2021). Atuou como *visiting professor*: Université Laval, Québec e Universidade Católica de Moçambique. Atualmente colabora no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR).



Maria do Rosário Soveral é doutorada em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, com a tese *O Homem Novo em Cristo. Dimensão escatológica da existência humana nos Exercícios Espirituais de Santo Ignacio de Loyola*. Nessa mesma Faculdade obteve também a licenciatura em Teologia e o grau de Mestre em Teologia Dogmática, tendo as suas teses sido realizadas sob a orientação de D. António Marto. É ainda licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Exerceu a docência no ensino secundário, na área do ensino da Língua Portuguesa, procurando ter sempre uma atitude sensibilizadora, junto dos alunos e dos professores, face ao texto literário e à sua relação com outras expressões culturais. Desde 1996 exerce a docência no âmbito teológico, procurando transmitir a relação entre a antropologia e a teologia, a espiritualidade e a cultura, que constituem uma área prioritária do seu trabalho. Ainda neste âmbito, tem realizado várias conferências e publicado alguns artigos. Atualmente, a sua área preferencial de investigação é a relação entre a Bíblia e a Cultura Ocidental, particularmente o Antigo Testamento, lecionando desde 2018, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, os Cursos de Formação Contínua *A Bíblia, Livro de livros 1, 2 e 3* e *A Bíblia e a Cultura Ocidental*.



resumos

Alex Villas Boas

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa / PUCPR, Brasil

A poesia como exercício kenótico em “Os dias de Job”, de José Tolentino Mendonça

Palavras-chave: José Tolentino Mendonça, Exercício Espiritual, Michel de Certeau, Michel Foucault, Teologia e Literatura.

A imbricação do poeta em cardeal conduz a uma espécie de movimento natural que reforça uma das possibilidades de literacia da obra de José Tolentino Mendonça, em uma correlação entre a atividade artística e a religião. Com efeito, sua obra poética pode ser entendida como um exercício espiritual, no sentido que o trabalho literário do autor se desenvolve num movimento de apropriação da tradição espiritual cristã. Nas palavras do próprio autor “o poema é o acto espiritual por excelência”. Contudo, a inscrição da sua poética na tradição dos exercícios espirituais no século XXI não se limita à questão religiosa mas é ampliada pelo diálogo inacabado entre Michel de Foucault e Michel de Certeau que veem na expressão uma forma de espiritualidade política e uma genealogia ética como exercícios de reinvenção cotidiana do espaço para um esvaziamento que possibilite a habitação comum entre os diferentes, um movimento de saída da autorreferencialidade pela refeitura poética do tecido cultural, e de escavação do desejo. Nesse sentido, a poesia em Tolentino pode ser vista como um exercício de transformação do sujeito, mas não por uma idealização de si, e sim por um esvaziamento ou nudez da existência, precariedade em que emerge a bem-aventurança da sede do encontro com o outro. Nessa concepção de exercício poético, a imagem de Job aparece na obra *A Noite abre meus olhos* do cardeal poeta, precisamente no poema “Dias de Job”, em que é a precariedade do eu-lírico que permite a abertura para a presença de uma alteridade, em um ato poético que se dá no reconhecimento da fragilidade da vida.

Nota curricular:

Alex Villas Boas é investigador principal (PI) e coordenador executivo do CITER – Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Livre-docente (Agregação) em Ética e Linguagem Teológica. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Foi editor-chefe da Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias (2011-2021). Atuou como *visiting professor*: Université Laval, Québec e Universidade Católica de Moçambique. Atualmente colabora no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR).

Ana Alexandra Alves de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Fineu em Apolónio de Rodes: homem piedoso e filantropo

Palavras-chave: sofrimento, redenção, filantropia, piedade, épica helenística, Fineu.

Na sua epopeia, Apolónio não só apresenta heróis muito diferentes dos homéricos, como diversifica o conceito de perigos a superar durante a viagem. Embora os heróis possam enfrentar os tradicionais desafios, que os levam a pegar em armas, como acontece no país dos bêbrices, mostrar solidariedade e levar ajuda está também previsto no seu itinerário. É isso que fazem quando encontram Fineu, o adivinho velho e esfaimado que havia sido castigado por Zeus. Apesar de a tradição nem sempre dar uma imagem positiva desta figura, Apolónio apresenta um Fineu filantropo, pois Zeus castigara-o por, no seu amor à humanidade, ter revelado o que não era lícito, à semelhança de Prometeu. Mas, ao contrário deste, Fineu não se revolta contra Zeus, que o condenou à fome e lhe outorgou uma velhice sem fim. Continuou reverente à divindade como provam os conselhos que dá aos Argonautas. Apesar das diferenças entre Fineu e Job, um castigado e o outro posto à prova, o deus de cada um amou-os e fê-los viver fortes provações durante algum tempo.

Nota curricular:

Professora de Grego, Literatura Grega, Cultura Grega e Latim da FLUL, há mais de 30 anos, Ana Alexandra Alves de Sousa tem como áreas de investigação predominantes a poesia helenística, nomeadamente Apolónio de Rodes; o teatro ático e os textos médicos antigos. Traduziu e comentou os dois primeiros livros da *Argonáutica*, de Apolónio de Rodes, e alguns tratados de Hipócrates de temática ginecológica. Desenvolve uma linha de interpretação literária baseada no estudo rigoroso da língua.

Ana Fernandes

CLLC, Universidade de Aveiro

*Entre o Livro de Job e Fausto de Goethe:
o homem posto à prova*

Palavras-chave: Job, Fausto, Deus, intertextualidade, relação de força.

A peça *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1842), baseia-se na interpretação do mito alemão de Fausto, uma personagem fictícia usada para mergulhar nas repercussões de um pacto com o diabo e, assim, analisar diferentes aspetos relacionados com a natureza e a condição humanas.

Depois de uma longa e profunda meditação sobre o mito, Goethe publicou inicialmente o *Fausto* original para depois dar um desenvolvimento posterior aos temas e argumentos da obra em *Fausto, um Fragmento* (1790). A partir deste trabalho cuja primeira parte foi publicada em 1808, uma segunda parte, com características temáticas e de enredo diferentes, mas mantendo a forma e a estrutura, foi publicada posteriormente, em 1832.

Depois da sua “Audição no Teatro”, o “Prólogo no Céu” trata de um diálogo em que são expostas as condições da aposta entre Deus e Mefistófeles e acende a centelha iniciática do enredo desenvolvido subsequentemente. O *Livro de Job* desperta a atenção dos estudiosos dada a existência de semelhanças com o “Prólogo no Céu” e o desenlace final.

O diálogo entre Javé e Satanás em *Job* afeta um homem, assim como em *Fausto*. Apesar de haver diferenças no desenvolvimento de ambas as histórias, elas têm em comum a constatação do homem como inferior à divindade e a fragilidade da vontade humana.

Dois homens inocentes e tementes a Deus são postos à prova. Em ambas as obras, o homem é levado à tentação: em *Fausto*, o médico constante, estudioso e homónimo é trazido ao plano terrestre por um caminho que o leva a romper o seu bom relacionamento com Deus através do pecado num círculo vicioso sem aparente resgate. Em *Job*, o processo é inverso: o homem poderoso e amante de Javé é privado da sua plenitude, doente e miserável, para provar o seu amor, resistindo à tentação do pecado. Uma tentação, por um consumada e por outro evitada, que tem as mesmas consequências para ambos: o jogo de Deus torna os mortais conscientes da Sua superioridade. Estes são finalmente os objetos da Sua misericórdia em detrimento da Sua raiva. Nas conexões entre os dois textos estabelecem-se relações dialógicas de intertextualidade que não podem passar despercebidas.

Nota curricular:

Atualmente docente do ensino secundário. Várias participações em colóquios internacionais e publicações diversas em revistas internacionais com artigos subordinados aos temas da Literatura Comparada e da Literatura de Viagens. 2000 – Doutoramento em Literatura Francesa com a tese “*Voyage autour du monde* de Bougainville: un récit curieux de l’Autre” pela Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa. 1989 – Mestre em Literatura Francesa com a tese “La ritualisation du sacré dans le théâtre de Jean Genet” pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1980-1984 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Alemães, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ana Satiro

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Isabel Gomes de Almeida

CHAM & DH, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

O Justo Sofredor: doença, sofrimento e justiça na tradição sapiencial mesopotâmica

Palavras-chave: antiga Mesopotâmia, literatura sapiencial, *ludlul bēl nēmeqi*, castigo divino, enfermidade, sofrimento humano.

No panorama mesopotâmico, marcado por um exacerbado teocentrismo, a doença era concebida como detendo uma origem divina, afirmando-se mesmo como um castigo que punia a falha humana. Nesta lógica, aquando de uma ação considerada avessa à vontade divina, o indivíduo humano tornava-se vulnerável às mais variadas forças (sobre)naturais, podendo recair sobre si uma série de maleitas. Paralelamente, as figuras divinas manifestavam uma ambivalência interessante, já que tanto eram responsáveis pelo infligir da doença e, assim, pelo sofrimento humano, como podiam garantir uma rápida recuperação do indivíduo.

Curiosamente, desde os finais do III milénio a.C., surgem algumas composições sapienciais que se centram no *topos* do “Justo Sofredor”, como o famoso poema babilónico *ludlul bēl nēmeqi*. Estes textos narram, de modo geral, a condição de um indivíduo que vê a sua felicidade e bem-estar sucumbir pelo acumular de infortúnios, sem que tivesse plena consciência das ofensas cometidas para provocar tal reação divina. Neste âmbito, e embora nem sempre explicitamente mencionada, a manifestação da doença como uma das múltiplas desventuras que recaem sobre o sofredor, assume-se como uma característica incontornável destas narrativas.

Neste poema específico, a degeneração física e psicológica do protagonista humano, um homem respeitado que parece não ter cometido qualquer falha perante os deuses, pressupõe a existência de um sofredor “inocente”, o que indica um questionamento sobre a própria natureza da justiça divina.

Na sequência do trabalho de investigação doutoral que temos vindo a desenvolver, focado nas práticas, agentes e processos de cura da antiguidade da Ásia Ocidental, com esta comunicação pretendemos analisar a referida composição babilónica, *ludlul bēl nēmeqi*, com vista a explorar a complexa relação entre doença, sofrimento humano e a justiça divina no quadro mental mesopotâmico.

Notas curriculares:

Ana Satiro é investigadora integrada do CHAM- Centro de Humanidades (NOVA FCSH e UAc). É mestre em Civilizações do Médio Oriente e Ásia Antiga pela NOVA FCSH, estando neste momento a desenvolver investigação doutoral sob orientação de Isabel Gomes de Almeida. O seu foco de investigação prende-se com a transferência de conhecimento relativo a práticas, agentes e processos de cura entre culturas da antiguidade da Ásia Ocidental.

Isabel Gomes de Almeida é Professora Auxiliar no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e Investigadora Integrada do CHAM - Centro de Humanidades (NOVA FCSH e UAc). O seu domínio de especialização é a História das Religiões da Antiguidade, focando-se especialmente no sistema religioso mesopotâmico e na análise das suas fontes mítico-literárias.

António Manuel Ferreira

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

Miguel Torga: um outro livro de Job

Palavras-chave: Miguel Torga, justiça, dignidade, sofrimento.

Em 1936, Miguel Torga publicou o livro de poemas *O outro Livro de Job*. Nessa obra, o escritor revisita o texto veterotestamentário, partindo de uma perspetiva egocentrada, amplamente definidora da sua relação conflituosa com as questões religiosas. No poema “Fábula do Servo de Deus”, Torga, dando voz a Satanás, convoca a figura de Job como um ser abandonado, uma vítima da *apatheia* divina: “Com palavras de dor chamou Alguém.../Mas o teu amor não tem/as humanas raízes naturais!...”. Profundamente devedora da força telúrica de Anteu, a cosmovisão torguiana radicaliza a relação horizontal com a natureza, sem, no entanto, conseguir libertar-se da verticalidade franciscana. O conto “Vicente”, inserto no livro *Bichos* (1940), exemplifica a reivindicação da justiça e da dignidade, perante a indiferença violenta de Deus.

Nota curricular:

António Manuel Ferreira é professor de Língua Portuguesa e Literaturas em Português, na Universidade de Aveiro.

Cândido Oliveira Martins

Universidade Católica Portuguesa (CEFH)

Figuração de Job - da matriz bíblico-teológica às variações literárias

Palavras-chave: Bíblia, Job, sofrimento, intertextualidade, recepção, teologia.

Nesta comunicação de enfoque teórico e analítico, será pertinente desenvolver reflexão em dois momentos complementares. Primeiro, no âmbito das fecundas relações entre a tradição bíblico-religiosa e a tradição literária (teologia literária), cabe repensar a génese da representação da figura de Job - perfil simbólico e características maiores desta construção mitográfica.

Em segundo lugar, partindo dos Estudos Teológicos e da sua hermenêutica do discurso bíblico sobre Job, é pertinente sistematizar algumas dominantes presentes em diversas interpretações literárias, em momentos diferentes da Literatura Portuguesa, desde o Classicismo e Maneirismo, até à poesia contemporânea, numa recepção plural e evolutiva.

Nota curricular:

Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa, na área da Literatura Portuguesa (moderna e contemporânea), Teoria da Literatura e Literatura Comparada; além de docente e investigador no Doutoramento de Estudos da Religião. Investigador (membro integrado) do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH), unidade de I&D apoiada pela FCT. Nos últimos anos, fez parte da Direcção da AIL (Associação Internacional de Lusitanistas), também como Editor responsável do portal Plataforma 9. Tem vários livros e artigos publicados na sua área de especialidade.

Carlos Pereira

CH-UL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*Influências de Job na literatura apócrifa cristã:
o caso dos Atos dos Apóstolos*

Palavras-chave: Atos dos Apóstolos apócrifos, Deus, fidelidade, Jesus, Job, sabedoria

A literatura bíblica do Antigo e do Novo Testamento legou-nos importantes narrativas cujas personagens, devido à sua conduta irrepreensível perante o poder do Deus de Israel, serviram de *exempla* para a tradição judaico-cristã. A história de Job é bem representativa da forma como o homem bíblico dos textos veterotestamentários vive a experiência religiosa com a comunidade e com a entidade divina. Job era um homem feliz, honesto, bem-sucedido e bastante temente a Deus. Porém, o Deus de Israel decide testar os limites da sua fé com uma série de provações que lhe causam sofrimento, dor e angústia. Os seus amigos vêm em seu auxílio, mas não lhe conseguem valer. Porém, após alguma reflexão e tomada de consciência dos dramas vividos até então, Job descobre a “chave” da resolução dos seus dilemas: a sabedoria de Deus. A história desta personagem, descrita num livro homónimo do Antigo Testamento, foi extensivamente comentada pelos Padres da Igreja, nomeadamente por Orígenes e por Jerónimo, sendo igualmente referida nos textos do Novo Testamento, em particular por Paulo de Tarso. No entanto, na literatura apócrifa cristã, embora não se invoque diretamente a figura de Job e não haja citações diretas do seu livro, os autores dos *Atos dos Apóstolos* parecem recuperar temas essenciais da narrativa jóbica, como a onipotência de Deus, a fidelidade a Deus, a contemplação das obras da criação divina (o mundo terreno e o universo), a moral social e a valorização da sabedoria em detrimento dos bens materiais.

Nota curricular:

Carlos Pereira é Licenciado em História, Mestre em História, especialidade História Antiga, e Doutorando em História, na mesma especialidade, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem-se dedicado ao estudo da literatura apócrifa cristã primitiva, com particular destaque para os *Atos dos Apóstolos*, e à sua relação com a cultura grega.

Carlota Miranda Urbano

CECH / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

*Job: o justo sofredor. Leitura agostiniana
do sofrimento na queda do império*

Palavras-chave: sofrimento, *patientia*, redenção, saque de Roma (410), Santo Agostinho, parenética.

Quando Alarico invade e saqueia Roma em 410, muitos habitantes da Urbe refugiam-se no norte de África, zona do império ainda relativamente segura, e levam na primeira pessoa o *scandalum* da humilhante invasão. Santo Agostinho, Bispo de Hipona, ouve não só os relatos trágicos do sucedido como as invectivas pagãs que responsabilizam os cristãos pela ruína da Cidade Eterna. É neste contexto que nos chegam alguns sermões de Santo Agostinho que se dirige aos fiéis em tempos de plena crise, como são tempos de guerra, propondo-lhes um sentido para o sofrimento individual e colectivo, uma nova ascese, em que a figura bíblica de Job surge como o *exemplum* mais eloquente da *Patientia Christiana*. Esta comunicação, tendo como *corpus* os sermões em causa, propõe-se apresentar tal ascese proposta por Santo Agostinho ao seu tempo.

Nota curricular:

Carlota Miranda Urbano é professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, doutorada em Literatura Neolatina, e tem dedicado a maior parte da sua investigação ao estudo da literatura neolatina produzida no contexto dos Colégios da Companhia de Jesus nos séc. XVI e XVII em Portugal, tanto poesia como prosa retórica, sobretudo de teor hagiográfico. Traduziu e publicou os cinco sermões de Santo Agostinho que referem o saque de Roma em 410.

Carmen Aljibe Varea

Universidad de Alicante

Función del arte en la literatura de la memoria traumática de la Segunda Guerra Mundial: Deutschstunde de Siegfried Lenz

Palabras clave: Siegfried Lenz, memoria traumática, pintura y literatura, literatura alemana de posguerra.

En *Deutschstunde* (1968) traducido como *La clase de alemán* de Siegfried Lenz (1926-2014) la memoria colectiva de los padecimientos de la Segunda Guerra Mundial se concentra ejemplarmente en los recuerdos personales y traumáticos del protagonista Siggí que se acumulan en su mente cuando este se ve obligado a realizar una redacción en la clase de alemán. Pese a que estos recuerdos se remontan a sus vivencias en un aislado y poco poblado pueblo del mar del Norte en Alemania, alejado precisamente del escenario bélico, Lenz consigue traspasar los límites de ese relato, sin abandonarlo, para impartir una verdadera lección sobre la historia alemana reciente, pero de validez universal. Mediante el relato de Siggí, Lenz, más allá de exponer las consecuencias de la guerra para el protagonista y por extensión para Alemania — tal y como hicieron otros escritores de su generación, Heinrich Böll y Günther Grass, miembros del *Grupo del 47* — indaga en los motivos del triunfo del totalitarismo que condujeron a la guerra como camino para propiciar el reconocimiento de la propia culpa como única vía para afrontar el futuro propio y el de toda una nación. En el desarrollo de esta trama Lenz se sirve del arte y la naturaleza de múltiples maneras, siempre significativas, tanto en su expresión verbal como visual, que analizaremos en nuestra comunicación con el fin de desentrañar lo que el autor pretende transmitirnos en esta novela.

CV:

Licenciada por la universidad de Tréveris en Alemania en las ramas de Filología e Historia del Arte y doctora por la Universidad de Navarra con un trabajo sobre la Imprenta y el Humanismo ha seguido un itinerario investigador eminentemente interdisciplinar con una constante atención por las interrelaciones entre la imagen y el texto. En la actualidad es Ayudante Doctor en el Área de Filología Alemana de la Universidad de Alicante.

Eduardo Mahon

Doutor em Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Transgressão, sanção e redenção em Guimarães Rosa

Palavras-chave: romance brasileiro, transgressão, sanção e redenção em Guimarães Rosa.

As linhas gerais da tragédia grega desdobram-se no tempo e no espaço, influenciando indelevelmente a literatura ocidental. Da mesma forma, dá-se com o incontornável legado dos textos bíblicos. Guimarães Rosa é um dos maiores escritores que produziram em língua portuguesa. A presente comunicação renova a discussão sobre o livre-arbítrio humano frente à vontade dos deuses, promovendo um diálogo intertemporal.

De que forma o fatalismo grego e as noções de transgressão, sanção e redenção podem ser encontradas em romances como *Grande Sertão: Veredas* e nos contos de Guimarães Rosa? Como relacionar o Livro de Jó com a narrativa do cangaceiro Riobaldo? A investigação concentra-se, sobretudo, em provocar discussões sobre as interações entre mitos que regem os textos contemporâneos.

Nota curricular:

Eduardo Mahon é graduado em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso, doutor em literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso, membro da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. É escritor e editor da Revista Literária *Pixé*.

Elena Martínez Carro

Universidad Internacional de La Rioja

*La tradición bíblica de Job
en la comedia barroca española*

Palabras-chave. Teatro áureo, comedia barroca española, comedia bíblica, *Job*, *Los trabajos de Job*, Enríquez Godínez.

El amplio *corpus* de comedias áureas españolas tuvo un espacio para las comedias bíblicas a pesar de los impedimentos que tuvieron para su publicación –y representación– debidos a las normas contrarreformistas e inquisitoriales del momento. La Biblia representó una fuente de interés para los dramaturgos del siglo XVII, que leyeron muchas de sus historias no directamente del texto sagrado sino de los autorizados del momento como *Flos sanctorum*, que recogía –además– vidas de santos y parte de la leyenda dorada.

Dentro de este elenco de comedias bíblicas del siglo XVII, aunque escaso si se tiene en cuenta la enorme producción del teatro del Siglo de Oro, la historia de Job fue recogida al menos en dos obras de manera directa, una de ellas titulada *Job*, hasta el momento de autoría desconocida, y *Los trabajos de Job* de Enríquez Godínez, también de autoría dudosa. Los nombres de Lope de Vega y de Calderón han estado unidos a estas dos comedias a lo largo de la tradición bibliográfica, pero su autoría no está definida hasta el momento.

El análisis de estas obras pretende mostrar la manera de entender la tradición bíblica en el teatro áureo y especialmente la recepción del personaje de Job como ejemplo de paciencia ante la adversidad.

CV:

Elena Martínez Carro es Doctora en Filología Española y Titular de Universidad, actualmente Decana de la Facultad de Educación de la Universidad Internacional de La Rioja (UNIR). Desde hace años combina la actividad didáctica con la investigación en Teatro del Siglo de Oro y está especializada en los dramaturgos menores del Siglo XVII y la aplicación de los recursos de Humanidades Digitales al teatro áureo.

Filipe Senos Ferreira

CLLC, Universidade de Aveiro

Somos filhos de Deus ou escravos do amor que lhe devemos? *Job em Misericórdia, de Lídia Jorge*

Palavras-chave: *Bíblia*, intertextualidade, Job, Lídia Jorge, romance hipercontemporâneo.

O texto bíblico constitui inesgotável fonte de matéria artístico-literária. O Livro de Job, em específico, é dotado de uma fecunda posteridade mitopoética. No âmbito da literatura portuguesa, são disso exemplos evidentes, e já muito estudados, *O Hóspede de Job*, de José Cardoso Pires, ou *O Outro Livro de Job*, de Miguel Torga, obras que, logo no título, tornam explícita a sua dicção intertextual. Partindo do levantamento (não exaustivo) destes casos de dialogismo e da reflexão em torno da noção de *intertextualidade*, pretendemos, nesta comunicação, refletir sobre a inscrição e tratamento ficcional de Job no mais recente romance de Lídia Jorge, *Misericórdia* (2022). A par de uma leitura global da narrativa e da mobilização das principais linhas de força e características dos universos ficcionais da autora, tratamos de indagar a simbologia e a expressividade da convocação daquela figura bíblica.

Nota curricular:

Filipe Senos Ferreira é bolseiro de doutoramento em Estudos Literários na Universidade de Aveiro (*Elogio do híbrido: o romance multimodal na literatura portuguesa*, bolsa FCT 2022.12108.BD). Completou o Mestrado em Estudos Editoriais (UA), com uma dissertação intitulada “Entre a arte e os números: Eça de Queirós & Companhia Ficcional”. Desenvolve investigação na área dos estudos da edição e da literatura portuguesa contemporânea, com especial foco no âmbito do romance multimodal português.

Flavia Maria Corradin

Universidade de São Paulo

O Livro de Jó:
um dos paradigmas de Mon Cas

Palavras-chave: teatro, cinema, intertemedialidade, José Régio, Manoel de Oliveira, sofrimento.

A peça de teatro *O meu caso* (1957), de José Régio, foi o mote para o filme *Mon cas* (1986), do realizador português Manoel de Oliveira. Partindo do argumento proposto pela peça regiana, Manoel de Oliveira engendra o argumento de seu filme acrescentando elementos colhidos em *Pour en finir et autres foirades*, de Samuel Beckett, texto publicado em inglês, pela Still English Publisher, em 1970, e em francês pelas Éditions de Minuit, em 1975, e no *Livro de Jó*, inscrito no *Antigo Testamento*. Esta comunicação pretende passar uma vista d'olhos sobre os dois primeiros textos, isto é, a peça portuguesa e a narrativa beckettiana, para fixar-se no texto bíblico de modo a buscar os percursos que levaram o encenador português a traçar um paralelo, que obviamente tem sua gênese no conceito de sofrimento, entre os discursos arrolados.

Nota curricular:

Flavia Maria Corradin é Professora Associada (Livre-Docente) de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ensaísta e crítica literária, tem publicado ensaios, resenhas críticas, prefácios, capítulos de livros e livros no Brasil e no Exterior. Atua na docência, pesquisa e orientação com ênfase no Romantismo e no teatro português.

Hans Ausloos

F.R.S.-FNRS / Université catholique de Louvain (UCLouvain), Belgium

*“Who, being innocent, ever perished?” (Job 4,7)
The book of Job and the doctrine of retribution*

Keywords: Job, doctrine of retribution, wisdom literature, Old Testament.

In Christian tradition, Job was and is often portrayed as a paragon of the man who patiently endures his sufferings. However, this is a one-sided portrayal of the biblical Job. Indeed, in numerous passages, one reads how Job holds God Himself responsible for his suffering and misery.

The book of Job can only be understood against the background of the so-called doctrine of retribution: “he who does good, meets good”, and “evil harms”. This doctrine sought not only to encourage doing good and leaving evil, but also served as an explanatory mechanism: good things are due to good actions, while bad consequences must have been caused by bad actions. Old Testament authors often invoked this doctrine in an attempt to explain the dire situations Israel found itself in throughout history. Even if, in many cases, the notion of retribution seems to be a useful concept to explain calamity and suffering, when evil strikes good people, one hits its limit. Not surprisingly, several Bible texts are critical of the doctrine of retribution and the supposed idea of justice on which it is based. The book of Job is perhaps the best example of this.

CV:

Hans Ausloos is Professor of Biblical studies at the *Université catholique de Louvain* (Belgium) and Research Director of the Belgian Fund of Scientific Research (F.R.S.-FNRS). He is editor-in-chief of *Old Testament Studies* (Leiden – Boston: Brill). On Job, he co-edited the volume *Job tussen leven en lijden. In beeld, woord en klank* (Leuven – Den Haag: Acco, 2010). His monograph *The Deuteronomist's History. The Role of the Deuteronomist in Historical-Critical Research into Genesis–Numbers* (Old Testament Studies, 67), Leiden – Boston: Brill, 2015, has been awarded with the quinquennial Mgr. J. Coppens prize of the Royal Flemish Academy of Belgium for Science and the Arts (KVAB).

Isabel Gomes de Almeida

CHAM & DH, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

“Lacerou os seus olhos por mim”
– os comportamentos (in)devidos na partilha da dor
no ciclo mítico-literário de Inanna e Dumuzi

Palavras-chave: Antiga Mesopotâmia, literatura suméria, III milénio a.C., divindades mesopotâmicas, comportamentos fúnebres, fidelidade familiar.

O ciclo mítico-literário *Inanna e Dumuzi* contempla uma série de composições redigidas em língua suméria que se focam na atribulada relação destas duas divindades. Talvez o mais famoso episódio seja aquele narrado na composição conhecida como *Descida de Inanna ao Inframundo*, onde se relata o castigo que a deusa inflige a Dumuzi depois de o encontrar em festividades, enquanto ela própria tinha acabado de sofrer uma pesada prisão naquele plano cósmico, que era reservado aos mortos. Irada pela inexistência dos expectáveis comportamentos de dor e luto pelo seu desaparecimento, obrigatórios dado os laços afectivos que os uniam, a deusa condena Dumuzi a ser aprisionado por *daemons* e a ser levado para o Inframundo como seu substituto. Os episódios que sucedem a este decreto, embora menos conhecidos, assumem-se como deveras interessantes no que diz respeito às expectativas de integridade e fidelidade familiar. Na composição tradicionalmente designada como *Sonho de Dumuzi*, encontramos relatadas as tentativas de fuga de Dumuzi aos *daemons* e o fiel auxílio que a sua irmã, a deusa Geštinanna, lhe presta. Por seu lado, na composição *Inanna e Bilulu*, é narrado como Inanna assume o dever de procurar pelo corpo do seu consorte, com vista a prestar-lhe as devidas exéquias fúnebres. Embora não seja esse o foco analítico mais comum a este ciclo mítico-literário, podemos dizer que o mesmo exprime modelos de comportamento a seguir, tanto públicos como privados, perante diferentes níveis de sofrimento que decorrem da morte de um ente querido. Assim, esta comunicação pretende analisar detalhadamente estes episódios, procurando identificar os ideais de integridade e de fidelidade familiar que lhe estão subjacentes, contribuindo para a discussão do encontro com um caso de estudo da literatura da antiga Mesopotâmia.

Nota curricular:

Isabel Gomes de Almeida é Professora Auxiliar no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e Investigadora Integrada do CHAM - Centro de Humanidades (NOVA FCSH e UAe). O seu domínio de especialização é a História das Religiões da Antiguidade, focando-se especialmente no sistema religioso mesopotâmico e na análise das suas fontes mítico-literárias.

João de Mancelos

Universidade da Beira Interior/CLLC, UA

Job e a comédia do sofrimento *em A Serious Man (2009), dos irmãos Coen*

Palavras-chave: adaptação cinematográfica, Job, irmãos Coen, *A Serious Man*, judaísmo.

O filme *A Serious Man/Um homem sério* (2009), de Joel e Ethan Coen, pode ser interpretado como uma paródia engenhosa e irreverente ao Livro de Job. No espírito da intertextualidade exoliterária e dos estudos comparatistas, o meu objetivo é estabelecer semelhanças, diferenças e relações entre esta película e a parábola bíblica. Analisarei as categorias narrativas do tempo e do espaço, a figura do protagonista, os principais eventos e a mensagem. Para tanto, recorro a entrevistas concedidas pelos irmãos Coen, a ensaios de cinéfilos e de teólogos e, naturalmente, à minha opinião.

Nota curricular:

João de Mancelos é doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). É professor universitário desde 1992. Publicou 28 livros na área do ensaio, conto e poesia. As suas áreas de interesse incluem literatura portuguesa, literatura norte-americana, literaturas comparadas e cinema.

João Leonel

Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, Brasil.

Jó: vozes narrativas e recepção

Palavras-chave: Livro de Jó, narrador, poesia, Adélia Prado, análise comparativa, recepção.

O livro bíblico de Jó, com seus poemas de complexidade reflexiva e de sentimentos humanos profundos, envolvidos na abertura e no encerramento por blocos narrativos que coordenam o enredo e lhe dão sustentação, somados à figura ímpar do personagem Jó, o sofredor dos sofredores, não tem passado despercebido.

Segundo Robert Alter, “O livro de Jó é, de várias formas, o mais misterioso livro da Bíblia Hebraica” (v. 3, 2019, p. 457, tradução nossa). Para Harold Bloom, “[...] o livro de Jó chega aos limites da literatura, e talvez os transcenda” (2012, p. 30, tradução nossa). Por isso mesmo, afirma: “Em termos estéticos, o livro de Jó é a coroa da poesia hebraica” (2011, p. 199, tradução nossa).

A potência literária do livro não é ignorada por literatos. Há uma longa lista de nomes que testemunha sua influência, dos quais citamos apenas alguns: John Milton, William Blake, Herman Melville, James Joyce, H. G. Wells, Franz Kafka e Norman Kotker (cf. Swindell, v. 14, 2017, p. 349-357). Em Portugal, podem ser lembrados Luís de Camões, Miguel Torga e José Saramago (Ferraz, Salma, 2008). No Brasil, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Adélia Prado (Pereira, 2016).

Esta comunicação parte da constatação de que a voz narrativa presente nos segmentos inicial e final (capítulos 1, 2 e 42.7-17) orienta o leitor na compreensão do grande bloco poético do livro (capítulos 3 a 42.6). Em seguida, constrói análise comparativa com a obra de Adélia Prado, identificando nela a presença majoritária de citações/apropriações do bloco poético. Por fim, explora a hipótese de que tal procedimento, ao eliminar o narrador original, permite a introdução de nova voz narrativa e a construção de novos sentidos.

Nota curricular:

Possui Graduação em Teologia e em Letras. Mestrado em Ciências da Religião, com concentração em Bíblia (UMESP). Doutorado em Teoria e História Literária (Unicamp). Pós-Doutorado em História da Leitura (Centro de História da Cultura, Universidade Nova de Lisboa, Portugal). Professor na Graduação e Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordenador do Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura (CNPq).

José Augusto Ramos

CH-UL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

*Níveis semânticos do conceito
de justiça no livro de Job*

Palavras-chave: justiça, ética, Deus, aporia, estética, resolução.

O livro de Job é um caso muito singular e original na Bíblia; é também um exemplo bem representativo das incidências do humanismo e ainda do tipo de investimento filosófico que é próprio das culturas da antiguidade pré-clássica.

Nele, deparamo-nos com uma tentativa ingente para resolver um sentimento de aporia que afeta de maneira dramática a experiência da justiça e a consistência do humano, na fronteira profunda de conflito que se revela entre a ética e a teodiceia. Daí resulta um sentimento de solidão e vazio no horizonte do agir humano, vazio esse que soa perigosamente a um absurdo; e este conceito revela-se como epistemologicamente insuportável. Através de uma análise em sucessivos estados de dilema sobre os condicionamentos existenciais da justiça, a discussão desdobra-se numa verdadeira citação forense em que Deus aparece como acusado; e o debate vai procedendo por múltiplas desconstruções contrapostas. A via de resolução recorre aos dinamismos intuitivos e englobantes de uma emoção estética transcendental, a convergir para um final que é de reconstrução, onde pode recuperar uma nova síntese de consciência sobre bases estéticas elementares e fundamentais e onde se pode mesmo permitir alguma simplicidade na recuperação das condições de vida que definiam o ponto de partida. Esta análise procede em sintonia com hermenêuticas poéticas recentes, como a de Miguel Torga, em *O outro livro de Job*, livro de companhia desde o início dos anos 60.

Nota curricular:

Licenciatura em Teologia (Inst. Cat. de Toulouse, 1969, com Diploma de Hebraico e Aramaico); Licenciatura em Ciências Bíblicas e Orientais (Pont. Instituto Bíblico, Roma, 1972); Doutoramento em História Antiga (FLUL, 1990); Agregação em História (FLUL, 1996); Prof. Catedrático, jubilado em 1912 como Professor Emérito, prosseguindo docência e orientações científicas em mestrado e doutoramento; coordenador da tradução do AT (Bíblia-CEP).

José Carlos Ribeiro Miranda

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Instituto de Filosofia/

Dom Pedro, Conde de Barcelos, entre o Livro de Job e o Eclesiastes

Palavras-chave: Pedro de Barcelos, Eclesiastes, Livro de Job, Deus, morte.

Num poema que faz parte do seu breve cancionero, Dom Pedro, Conde de Barcelos, produz uma enigmática reflexão sobre a vida, a morte e, sobretudo, a potência divina, cuja interpretação, até ao momento, está longe de ser satisfatória. Referimo-nos à cantiga “Nom quer’a Deus por mia morte rogar”, cuja releitura nos propomos, na presente comunicação, levar a cabo, sobretudo tendo em vista inquirir em que medida constitui uma reflexão decorrente de alguns livros bíblicos, em particular do *Livro de Job* e do *Eclesiastes*.

Nota curricular:

Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e fundador do Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, grupo de investigação do Instituto de Filosofia, unidade de ID da Fundação para a Ciência e Tecnologia. A investigação realizada reparte-se entre o romance arturiano, a poesia trovadoresca e a literatura genealógica e cronística, centrando-se actualmente na figura de Dom Pedro, Conde de Barcelos, através do Projecto MELE (Da Memória Escrita à Leitura do Espaço: Pedro de Barcelos e a Identidade Cultural do Norte de Portugal). Presidente da Secção Hispânica da International Arthurian Society e sócio de honra da Associação Hispânica de Literatura Medieval.

Luis Henrique Menezes Fernandes

Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra.

A primeira tradução integral do Livro de Jó em língua portuguesa: peripécias de sua trajetória manuscrita e editorial (1668-1819)

Palavras-chave: Livro de Jó, língua portuguesa, Bíblia Almeida, tipografia, Batávia, Tranquebar.

Se é verdade, por um lado, que a figura bíblica de Jó esteve presente na cultura portuguesa desde as suas origens, não se pode negar, por outro, que uma tradução integral do Livro de Jó para o nosso idioma é feito bastante tardio. E além de deslocada no tempo, em comparação com as demais línguas europeias, a primeira tradução “regular” dos livros do Antigo Testamento em português está também deslocada no espaço: a primeira edição impressa do Livro de Jó, por exemplo, publicada somente em 1744, saiu de tipografia gerida por missionários luteranos na Índia Dinamarquesa, mais especificamente em Tranquebar, na Costa do Coromandel. Mas embora tenha sido impressa pela primeira vez apenas em meados do século XVIII, a sua produção manuscrita é anterior, fruto da iniciativa do tradutor português João Ferreira A. d’Almeida (1629?-1691), ministro pregador da Igreja Reformada Holandesa, que passou a maior parte de sua vida em Batávia, na atual Jacarta, Indonésia. Seja como for, esse evidente deslocamento espaciotemporal revela como, no que diz respeito à cultura literária portuguesa, a textualidade bíblica em “língua vulgar” possui uma trajetória bastante peculiar, a qual certamente gerou – e continua a gerar – impactos na forma como as personagens bíblicas, como o próprio Jó, são incorporados pela cultura e amalgamados à identidade nacional. Isto posto, o objetivo dessa comunicação será o de oferecer uma visão sintética em torno da materialização manuscrita e da reprodução tipográfica dessa pioneira tradução do Livro de Jó, tendo em vista suas peculiares idas-e-vindas, e os eventuais impactos disso na forma como se acolhe ainda hoje, na cultura e na literatura portuguesas, a figura bíblica de Jó.

Nota curricular:

Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Realizou atividades de docência na Universidade Estadual de Londrina e na Universidade Estadual do Paraná, respectivamente. Atualmente, é investigador integrado ao Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, contratado no âmbito do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Luís Pimenta Lopes

Universidade da Madeira / Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

Job nas memórias de um sobrevivente de Buchenwald: sobre a epígrafe de “A Morte Lenta” de Emile Henry (1945)

Palavras-chave: Job, Buchenwald, literatura concentracionária, Emile Henry, Isaac de Benserade.

Aquando da libertação dos campos de concentração nazis pelas forças ocidentais, vários sobreviventes escreveram, de imediato, um conjunto alargado de relatos, alguns publicados, outros nunca, de forma a deixar testemunho sobre a realidade que tinham vivido e as atrocidades a que tinham assistido. Ainda que houvesse interesse generalizado nos detalhes do horror, largamente anunciados pela imprensa internacional, o sofrimento específico dos judeus no sistema de encarceramento e extermínio implementado pelo regime nazi permaneceu relegado para segundo plano por esta altura, havendo maior interesse editorial numa mensagem predominantemente antifascista, incubadora de revoluções necessárias em países não diretamente afetados pela guerra e pelo que se viria a entender como o Holocausto, como Portugal.

Esta comunicação dará conta de como um dos relatos de sobreviventes mais precoces a nível europeu foi publicado em Portugal pela editora Ibérica em 1945, com contornos estéticos que se viriam a cristalizar como indelével na perceção pública sobre os campos e o Holocausto. Uma das opções literárias mais reconhecidas é a de Primo Levi, que elegeu a Divina Comédia de Dante para guiar a sua descrição do ambiente concentracionário. Neste caso, um autor não literário e vítima não judaica, devotado a escrever sem ornamento e emoção o que viveu, inclui, ainda assim, nesta publicação de circulação rara, dois elementos que o tornam objeto de um olhar socio-literário: por um lado um prefácio escrito pelo escritor Domingos Monteiro, que classifica estas memórias como literárias no que respeita à “experiência humana”; por outro, a epígrafe ao texto, o soneto “Job”, escrito pelo francês Isaac de Benserade no século XVII.

Nota curricular:

Luís Pimenta Lopes: doutorado em Modernidades Comparadas, pela Universidade do Minho (2022), com uma tese sobre a receção do Holocausto no pós-guerra português; mestre em Alemão como Língua Estrangeira pelas Universidades de Leipzig e Salamanca (2011); docente de Alemão e Cultura Alemã na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; investigador integrado do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Luísa Maria Almendra

Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

Job na perspectiva de uma sabedoria da criação. As tentativas da exegese recente

Palavras-chave: criação, sabedoria, justiça, consciência-cósmica, eco-conversão.

No contexto da relevância do tema da justiça e do sofrimento no livro de Job, aos quais a literatura, a pintura e a música associaram tantos outros mais, a minha apresentação ousa estabelecer um diálogo com alguns contributos da exegese atual, onde estes temas cedem a sua centralidade e são recolocados num novo horizonte. A omnipresença literária da criação (o céu e a terra; os seres humanos e os seres divinos; os animais e o cosmos...), domina numa visibilidade impercetível, o desenrolar do drama e é numa conexão premente com ela que acontece aquilo a que a exegese atual designa “eco-conversão” de Job. Os ritmos cadenciados da harmonia e do caos, a consequente convulsão e apelo desaguam num Deus que redireciona um Job, inteiramente centrado num debate sobre a justiça divina e o seu sofrimento, para o horizonte da criação. Job é desafiado a explorar a sabedoria inata nos domínios do universo e a fazer uma viagem através do cosmos. Ali onde os amigos de Job repetidamente procuram confirmar as suas crenças preconcebidas sobre o sistema de uma justiça retributiva de Deus, Job é impelido a desenvolver uma "consciência cósmica" da natureza vasta e misteriosa da criação da qual ele é parte integrante. E é de um modo singular, neste contexto de desígnio cósmico, que Job tem a possibilidade de redimensionar uma visão retributiva do mundo e a sua busca antropocêntrica da justiça. Nesta omnipresença literária da criação que percorre o livro, a leitura apela para as representações do mundo criado e dá ênfase a Deus como criador e aos seres humanos como destinatários de tudo o que o mundo criado oferece, permitindo-lhes compreender e interagir com o mundo complexo que os rodeia e encontrar uma voz da terra e das suas criaturas que se podem perder noutras leituras.

Nota curricular:

Luisa Maria Almendra: professora na Universidade Católica Portuguesa; leciona na área de estudos Bíblicos; é membro ativo da International Society for the Study of Biblical and Semitic Rhetoric (RBS); L'Association Catholique Française pour l'Étude de la Bible (ACFEB) e European Association of Bible Studies (EABS), onde tem apresentado as suas pesquisas principalmente estudos sobre o Livro de Job.

Luiz Gonzaga Marchezan

UNESP-PROEX/CAPES, Brasil

*Entre mito e literatura:
a contracorrente das águas em A terceira margem do rio,
conto de João Guimarães Rosa*

Palavras-chave: literatura brasileira - conto - narrador - mito - motivo literário

A terceira margem do rio, conto de João Guimarães Rosa, não nomeia nenhuma de suas personagens. O protagonista revela-se um patriarca em queda a partir do momento que resolve afastar-se do seu núcleo familiar, mesmo diante dos questionamentos e do sofrimento de seus familiares. Lemos, na dimensão textual dessa estória, motivos literários constitutivos do mito bíblico de Jó. Tanto Jó, o patriarca na narrativa bíblica, como o pai do conto de João Guimarães Rosa são insurgentes. Diferenciam-se na eloquência que caracteriza a personagem bíblica: desenvolta, falante. A personagem do conto é lacônica e se emudece diante do conflito. Jó tem os pés fincados no chão das suas terras, luta por elas; o pai da família sertaneja rosiana tira os seus pés do chão quando resolve, afastando-se de todos, morar numa canoa no vau de um rio. Jó, diante do que perde e ganha, assume, convicto, a miséria da condição humana; o pai de *A terceira margem do rio* aparta-se dela. Jó afasta-se de todos e sofre com suas faltas; o pai do conto de João Guimarães Rosa abandona sua família por uma vontade não definida na estória. O mito bíblico de Jó traz, por meio de um núcleo de ideias, os valores originários que lastreiam a conduta de um patriarca, num parâmetro anunciado para os tempos, em que transparecem, por meio dos diálogos da narrativa mítica, os limites para as emoções, paixões e livre-arbítrio de um pai, na organização familiar. O contrário acontece no conto de João Guimarães Rosa, em que um narrador onisciente intruso pensa por todas as personagens e com sua atenção voltada para as inquietações de um pai, limitadas pelo desconhecimento de si.

Nota curricular:

Mestre em Letras (1987), pela UNESP, Doutor em Letras (1994), pela FFLCH-USP, e Livre-docente em Teoria da Literatura (2019), pela UNESP-Ar., à qual se vincula como Professor Associado do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas, do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Marcos Lopes

Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Imaginação moral e sofrimento

Palavras-chave: teopoética, teografia, Daniel Faria, José Tolentino Mendonça, teologia e literatura, ética da leitura

A proposta desta comunicação é discutir como alguns poemas de José Tolentino Mendonça e Daniel Faria articulam os problemas da imaginação moral à questão do sofrimento no seu sentido mais amplo, a saber, físico, psicológico e espiritual. Por imaginação moral, entendamos, provisoriamente, (1) a variedade e a complexidade de sentimentos e ideias encarnadas nos artefatos culturais (arte, ciência e religião); (2) a construção de cenários para as tomadas de decisão, assim como as dúvidas e impasses que emergem nesses cenários. Nossa hipótese de trabalho é de que há nesses autores uma contaminação semântica entre os *loci* literário e teológico ou, ainda, uma tensão entre ética, teologia e estética, de tal modo que cada poeta realiza uma leitura poética da teologia e uma leitura teológica da poesia. Há, portanto, o convívio vigoroso entre uma reflexão crítica sobre a experiência religiosa (*locus* teológico) e uma criação estética capaz de produzir uma forma ordenadora, isto é, uma promessa de sentido (*locus* poético) diante da finitude humana.

Nota curricular:

Doutorado em Teoria e História Literária, Professor da Área de Literatura Portuguesa e Brasileira, no Departamento de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

María Cecilia Colombani

Universidad de Morón, Argentina

Job. La aventura del sufrimiento.

El dolor y la fe como marcas antropológicas. Una lectura en clave filosófica

Palabras clave: Job, antropología, situaciones límites, Dios, sufrimiento, desesperación.

Quizás una de las preguntas existenciales más elementales con la que una persona de fe debe luchar es por qué les suceden cosas malas a las personas buenas. Quizás esté allí la pregunta clave de todo existente humano que lo ubica en el *topos* de las situaciones límites.

El libro de Job es un relato que se inscribe en ese tipo de experiencia existencial. Job es un hombre justo que responde fielmente a pruebas difíciles que Dios le impone para poner a prueba su fe.

La experiencia de Job nos convoca a reflexionar sobre esas preguntas que nos llaman a reconocer las causas del sufrimiento, la fragilidad antropológica y las razones para confiar en Dios, más allá del momento en que la vida nos parezca injusta.

Son sus pruebas las que nos muestran el temple y la condición moral de Job ya que retuvo su integridad espiritual y su confianza en Dios, incluso cuando alguien le sugirió “Maldice a Dios, y muérete” (Job, 2:9).

El libro de Job está escrito en lenguaje poético, propio de la literatura sapiencial; consta de un prólogo y un epílogo en prosa. Tiene las características que suele tener un *logos* inscrito en la literatura sapiencial, inscribiendo una página importante de la sabiduría de vida.

Quizás las dos preguntas nodulares del libro son aquellas que inquietan a todo ser humano que se enfrenta a lo Absoluto desde su precariedad antropológica: ¿Qué lleva a las personas justas a elegir la rectitud como *ethos*?” y ¿A qué se debe el sufrimiento de los justos? Las respuestas no son fáciles y se inscriben en el drama humano como condición existencial.

El libro de Job constituye en realidad una invitación a los fieles a ejercer hasta el límite de lo humano su fe en Dios, tal como de ello da cuenta Job cuando dijo de Jehová, “...aunque él me matare, en él confiaré” (Job, 13:15).

En este sentido, el libro también aparece como una metáfora de la visión que lleva a encontrar en las pruebas de esta vida a Dios como *arkhe*, como principio y fundamento de todo lo que es.

Al mismo tiempo, aparece como una metáfora lumínica donde Dios ilumina con su luz el sentido de la existencia.

CV:

Doctora en Filosofía por la Universidad de Morón. Profesora Titular Regular de Problemas Filosóficos y de Antropología Filosófica (Universidad de Morón). Coordinadora académica de la *Cátedra Abierta de Estudios de Género* (Universidad de Morón). Directora de la carrera de Filosofía (Universidad de Morón). Profesora Titular de Filosofía Antigua y Problemas Especiales de Filosofía Antigua (Universidad Nacional de Mar del Plata). Investigadora principal por la Universidad de Morón. Codirectora del Proyecto de Investigación *Mundo Antiguo y Cultura Histórica; formas de dominación, dependencia y resistencia*. Facultad de Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata. Miembro Colaborador del Proyecto de Investigación UBACYT dirigido por el Doctor Emiliano Buis. Autora de *Hesíodo. Una Introducción crítica*, Bs As, 2005, *Homero. Una introducción crítica*, Bs As, 2005, *Foucault y lo político*, Buenos Aires, 2009. *Hesíodo. Discurso y Linaje. Una aproximación arqueológica*, Mar del Plata, 2016. Autora de capítulos en obras colectivas y de artículos en revistas nacionales e internacionales de la especialidad. Profesora invitada anualmente al Programa de Pos graduación en Historia Comparada de la UFRJ. Profesora Invitada de la UERJ (Río de Janeiro), UFMG (Belo Horizonte) y de la UFOP (Minas Gerais) en calidad de conferencista o profesora de cursos de pos graduación. Invitada anual del Centro de Estudios Clásicos de la Facultad de Letras de Universidad de Coimbra, Portugal y de la Universidad de Lisboa, Portugal. Profesora invitada de la Universidad de Perugia, Italia.

Maria Cristina de Aguiar Campos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT (Campus Cuiabá)

Olga Maria Castrillon-Mendes

Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat

Constelações simbólicas no conto 'Toada do Esquecido', de Ricardo Guilherme Dicke

Palavras-chave: literatura brasileira, Ricardo Guilherme Dicke, sertão mato-grossense, arquétipos, Regime Diurno da Imagem.

Este artigo visa refletir sobre questões que envolvem sofrimento e resistência presentes no conto "Toada do Esquecido" (Carlini & Caniato, 2006), de Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), emblemáticas no conjunto da obra do autor, e apresentar alguns símbolos que constelam no "Regime Diurno da Imagem", de Gilbert Durand (1989). Na Literatura Brasileira, Dicke participa com uma densa produção que abarca um complexo universo imagético repleto de tensos diálogos marcados pela pluralidade e pelo multiculturalismo. Em articulação com a arte, a cultura e a política, as narrativas podem ser vistas em *locus* de tensões culturais que permutam o modo de ver/sentir as relações entre sujeito e sociedade. Nesse sentido, as assimetrias regionais modelam os processos hegemônicos que colocam em evidência a ideia de sertão, no caso, o de Mato Grosso, espaço privilegiado, misterioso e semovente, povoado de mitos e conflitos a percorrer seus emaranhados simbólicos. A onisciência do narrador aliada a um tempo psicológico permite, no âmbito da narrativa, leituras singulares.

Notas curriculares:

Maria Cristina de Aguiar Campos - Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. Autora de: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Paço cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).

Olga Maria Castrillon-Mendes - Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. Autora de *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (2013); *Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso* (2017); *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários* (2020), *Letras cacerenses* (2021). Ocupa a Cadeira n. 15 da AML. Colabora mensalmente com a Coluna "Num Pescar de Olhos" da Revista Literária Pixé <www.pixe.com.br>.

Maria de Fátima Rosa

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

O caso curioso de um escriba desacreditado (A.1258⁺): difamação, sofrimento e absolvição na Mesopotâmia do séc. XVIII a.C.

Palavras-Chave: Zimrí-Lím, Mari, Acádico, Sumério, calúnia, justiça.

Os *Arquivos Reais de Mari* constituem um dos espólios documentais mais ricos no que concerne ao II milénio a.C na Ásia Ocidental. Respeitantes, em grande medida, ao reinado do soberano siro-mesopotâmico Zimrí-Lím, contêm informação muito díspar e abrangem várias tipologias de fontes, sobretudo epistolografia. Entre esta, foi exumada uma carta relativamente atípica que relata o sofrimento que se abateu sobre um escriba, funcionário do rei, depois de o mesmo ter sido caluniado por um colega. O texto bilingue, escrito em sumério e em acádico, ou não fosse o seu remetente um escriba, denota um tom vincadamente apologético, dirigido ao rei e às divindades mesopotâmicas. Assim, podemos classificar a carta dentro do estilo epistolar, mas, igualmente, dentro de um estilo de teor mais literário, dadas as diversas fórmulas que se apresentam ao longo das suas 58 linhas e que se aproximam dos salmos e poesia de corte produzidos na antiga Mesopotâmia.

Ao longo do texto, o escriba em questão expõe a sua dolorosa situação, equiparando-se a um vagabundo sem protector, que foi *injustamente* afastado das suas funções. O mesmo assevera as suas capacidades de executar adequadamente o trabalho e implora ao rei pela reversão da sua situação. A questão que colocamos é a seguinte: Poderá a reflexão patente na carta, que se assemelha a outros textos mesopotâmicos, como o célebre *ludlul bel nemeqi*, ou mesmo ao bíblico Livro de Job, evidenciar, num domínio politeísta, uma espécie de ensaio sobre as questões da justiça, da piedade aos deuses e ao seu representante terreno?

A comunicação proposta pretende, pois, analisar a fraseologia adoptada na carta A.1258⁺ e equipará-la aos dois textos supramencionados, no sentido de perceber como era pensada a justiça divina e/ou real, a falha humana e a absolvição na Mesopotâmia do séc. XVIII a.C.

Nota curricular:

Maria de Fátima Rosa é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Investigadora do Centro de História da Universidade de Lisboa. O seu domínio de especialização é a História da Antiga Mesopotâmia, sobretudo durante o período paleo-babilónico. Desenvolve igualmente investigação no âmbito da Recepção da Antiguidade, essencialmente no cinema e na literatura.

Maria do Céu Fialho

CECH, Universidade de Coimbra

*A denúncia poética de
José Cardoso Pires, O Hóspede de Job*

Palavras-Chave: Job, Alentejo, opressão, neorrealismo, neocolonialismo.

José Cardoso Pires constrói a metáfora neorrealista de um país empobrecido, silenciado, explorado e devassado pelo interesse e indiferença estrangeira neocolonialista, em pleno Estado Novo. Para tal, o autor faz incidir o foco da sua narrativa no cenário do Alentejo rural, sacudido pela fome e pela opressão, adiado e sem esperança, em que se destaca o trajecto que aproxima duas personagens, saídas da sua aldeia – um velho e um jovem sem saúde -, movidos por uma vã esperança de trabalho e sustento que resulta no percurso de um ciclo fechado. Tal ciclo fecha-se com a mutilação do jovem, apanhado por exercícios de tiro comandados por militares estrangeiros (os hóspedes), insensíveis à realidade circundante. Esse trajecto, numa paisagem agreste, cruza com o cenário do quartel de Cercal, uma aldeia alentejana, parada no tempo, afogada no espaço, em que a vida miserável dos soldados “diz” a miséria da ordem nacional. Floripes, a jovem aldeã, e sua avó representam a força não quebrada das mulheres, como um raio de esperança, contemporâneo da morte de Catarina Eufémia.

Nota curricular:

Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, área dos Estudos Clássicos. Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade.

Maria do Rosário Soveral

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Cultura Católica, Porto

Job: Dignidade e sofrimento

Palavras-chave: dignidade, sofrimento, justiça, resignação, fracasso, limite.

O Livro de Job integra-se nos livros sapienciais do Antigo Testamento. Nele, Job, confrontado com a experiência pessoal do sofrimento, interpela Deus sobre o sentido e justiça da sua situação, porque, sendo ele o paradigma do “justo” no conceito sapiencial judaico, o seu sofrimento afigurava-se inexplicável. Job, para lá da figura do paciente sofredor que influenciou a Igreja Antiga e, portanto, a cultura ocidental, é também, simbolicamente, o porta-voz da humanidade que sofre, e a sua causa é a de toda a humanidade. Tanto na perspectiva do crente, que é a de Job, como na do ateu e do agnóstico, o sofrimento confronta o homem com a consciência de que é um ser limitado e incompleto, não sendo possível a racionalização da dor nem a resignação. Uma figura como a de Job apresenta uma problemática sempre atual da dor, suscitando desde sempre o interesse filosófico, literário e artístico. O que procuraremos demonstrar.

Nota curricular:

Doutorada em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia da UCP, onde também obteve o grau de mestre em Teologia Dogmática e de licenciada em Teologia. Licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra. Desde 1996 é docente na área de Antropologia Teológica no Centro de Cultura Católica, Porto. Atualmente, a sua área preferencial de investigação é a relação entre a Bíblia e a Cultura Ocidental, lecionando desde 2018, na FLUP, cursos livres nesta área.

María Teresa Santa María Fernández

Universidad Internacional de La Rioja

Job, personaje sufriente dentro de la poesía de León Felipe

Palabras-chave: poetas del exilio, poesía española contemporánea, Job, León Felipe, mitos bíblicos, mitos masculinos.

La figura bíblica de Job se revela como un personaje fundamental en la obra poética de León Felipe (1884-1969), escritor español, exiliado tras la guerra civil española de 1936. Junto con otros mitos bíblicos, como Jonás y Moisés; grecolatinos – Edipo y Prometeo –; o literarios como don Quijote, Job aparece en varios de sus poemas vinculado al concepto de lo que este poeta entendía como IMD o Intrépida Metáfora Demiúrgica. Asimismo, en todas estas figuras masculinas León Felipe refiere, en primer lugar, a la figura de Jesucristo, desde un punto de vista religioso; en segundo lugar, al sufrimiento personal que padeció en la guerra civil y posterior destierro, y, por último, al artificio literario que interpreta con imágenes o metáforas del pasado situaciones del presente del autor. La fuerza y dinamismo de la poesía de este creador irrumpe con fuerza en unos versos llenos de imágenes potentes y de estas alusiones a figuras varoniles que cuentan con una gran tradición cultural a sus espaldas. Desde el exilio, León Felipe vislumbra en estos personajes masculinos todo un mundo bíblico y literario que lo traslada a su pasado en una Europa que ha sufrido tantos conflictos armados en el siglo XX, como nuestro escritor conoce de primera mano. Además, el poeta exiliado, a través de Job y de los otros mitos, se rebela, pero a la vez asume ese sufrimiento connatural al hombre de su momento, del pasado y de siempre. En última instancia, resulta interesante comprobar si nuestro autor se identifica con estos personajes míticos y de forma aún más significativa con la figura de Job, tal y como parece translucirse en sus versos, donde también los salmos laudatorios se unen con desgarrados lamentos a una divinidad que parece haberse olvidado de sus criaturas.

CV:

María Teresa Santa María Fernández es Vicerrectora de Acción Cultural y docente en la Facultad de Educación de la Universidad Internacional de La Rioja (UNIR). Sus líneas de investigación se centran en la actualización de mitos clásicos dentro del teatro del exilio y la aplicación de recursos de las Humanidades Digitales al estudio del teatro español de la Edad de Plata.

Mariana Leite

FCT/ IF – Universidade do Porto

*Job na Ibéria medieval:
a tradução portuguesa do Livro de Job no seu contexto peninsular*

Palavras-chave: Tradução medieval, Pedro Comestor, Vulgata, bíblias romanceadas, Bíblia de Lamego, bíblias castelhanas.

A tradução portuguesa medieval do Livro de Job, além de editada em publicações de acesso limitado, tem sido alvo de pouca atenção e ainda menos estudos por parte da crítica. O trabalho de Joaquim Mendes de Castro (1973, 1998), embora minucioso, não teve continuidade notável. A preparação de uma nova edição digital dos testemunhos portugueses da Bíblia medieval, elaborada a partir da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor, levou a uma reapreciação desta iniciativa de tradução da Bíblia. Se já em 1973, Castro fizera uma comparação entre a versão da Bíblia de Lamego com dois testemunhos castelhanos medievais (ms. I-j-3 e I-j-4 da Biblioteca do Escorial), as recentes iniciativas de edição digital das bíblias castelhanas medievais favorecem uma comparação mais alargada entre diferentes testemunhos ibéricos da tradução deste livro. Nesta apresentação, faremos a comparação dos primeiros capítulos da versão portuguesa com os diferentes testemunhos castelhanos, para melhor situar e compreender a tradução portuguesa de Job no seu contexto ibérico.

Nota curricular:

Mariana Leite doutorou-se em Literatura pela Universidade do Porto, em 2013, com uma tese sobre a recepção portuguesa da *General Estoria* de Afonso X de Castela. Está a concluir um pós-doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sobre a presença da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor em Portugal, que inclui a edição digital das traduções medievais da obra latina. Foi leitora de língua e literatura portuguesas na École Normale Supérieure de Lyon (2014-2016), e na Universität Zürich (2020-2021); lecionou também, com o Professor José Carlos Miranda, Literatura Espanhola Medieval na Universidade do Porto (2017-2019). A sua investigação centra-se no estudo e transcrição de textos medievais, com particular interesse pela historiografia universal. Nos últimos anos, dedicou-se à presença de fontes para a cronística universal (sobretudo bíblicas e de matéria clássica) na cultura portuguesa medieval.

Marta Isabel de Oliveira Várzeas

CECH /Universidade do Porto

*Justiça, sofrimento e aprendizagem:
A Oresteia de Ésquilo*

Palavras-chave: Oresteia, Ésquilo, tragédia, justiça, sofrimento, aprendizagem.

Na trilogia *Oresteia* o tema do sofrimento humano é perspectivado em termos éticos e religiosos pela sua intrínseca ligação com a noção de justiça, conceito axial sobre o qual se erguem os problemas da acção dramática e dos seus agentes. Por outro lado, o famoso princípio da “aprendizagem pelo sofrimento” (*pathei mathos*), enunciado quase programaticamente no início da primeira peça, desafia o espectador / leitor a procurar no desenvolvimento da trilogia pistas para a definição do conteúdo de tal aprendizagem e para a identificação das personagens que a ela eventualmente acedam. A análise lexical e semântica centrada no uso do substantivo *dike* e correlatos, bem como dos verbos *manthano* e *didasco* permitirá verificar que a inexistência de uma linguagem de sentido unívoco não apenas coloca sob suspeita o que as personagens – mesmo as mais fiáveis – dizem sobre a justiça ou a vontade dos deuses, mas também aponta para uma aprendizagem muito distante de um certo tipo de conhecimento objectivo, mensurável ou redutível a proposições lógicas e axiomáticas.

Nota curricular:

Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora integrada do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Doutorada em Literatura Grega, publicou, além de vários artigos, *Silêncios no Teatro de Sófocles*, Cosmos, 2001; *A Força da Palavra no Teatro de Sófocles. Entre Retórica e Poética*, FCG, 2009. Traduziu Plutarco, *Vidas de Demóstenes e Cícero*, IUC, 2010; Sófocles, *Antígona*, Humus, 2011; Dionísio Longino, *Tratado do Sublime*, IUC, 2015 e Plutarco, *Como deve o jovem ouvir os poetas*, IUC, 2022.

Michel Mutaia Kanianga

CLLC, Universidade de Aveiro

*Job, o justo infortúnio
e a interpretação do sofrimento pelos amigos.
Discursos de Elifaz*

Palavras-chave: Job, justo infortúnio, sofrimento, Elifaz.

A história de Job, conhecida como história de um justo infeliz, faz parte dos livros da Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, cujo autor é desconhecido, como muitos outros livros da Bíblia, sendo também, segundo estudiosos da Bíblia, conhecida como parte da “literatura sapiencial” e obra-prima do movimento de sabedoria.

O Livro de Job e seus personagens nos leva a refletir sobre a questão da experiência humana no seu todo, partindo da concepção elevada de Deus e as considerações quanto ao homem, Satanás, justiça, redenção e ressurreição, por um lado; e nos convida, por outro, a analisar a problemática do sofrimento de um justo.

Esta comunicação pretende interpretar os discursos de Elifaz, um dos três amigos-consoladores de Job, e a sua tomada de posição quanto ao sofrimento do seu amigo, e aos discursos de Job como direito de resposta. Pretendemos abordar a interpretação do sofrimento de Job na ótica do Elifaz, por ser a primeira pessoa a quem o narrador dá a palavra depois de Job ser entregue a Satanás, por ordem de Deus. Procuramos, nos discursos de Elifaz, analisar as questões levantadas em relação ao sofrimento de Job, questões que julgamos serem presentes até ao nosso tempo: o inocente pode ou não sofrer? Porque o justo é submetido às aflições? A experiência humana e a parte de Deus e/ou de Satanás no sofrimento humano.

Para responder a essas e outras questões que poderão surgir ao longo do trabalho, teremos como textos de apoios, para além do Livro de Job, outros textos científicos e bíblicos que abordaram o tema da intervenção de Deus no sofrimento do homem, numa perspetiva exclusivamente literária.

Nota curricular:

Doutorando do Programa Doutoral em Estudos Literários – Universidade de Aveiro

Mestre em Estudos Editoriais – Universidade de Aveiro

Diretor Geral Adjunto – Instituto Nacional das Indústrias Culturais e Criativa (INIC) – República de Angola

Investigador em formação – Centro de Línguas, Literaturas e Culturas – Universidade de Aveiro (CLLC – DLC).

Sara Topete de Oliveira Pita

DLC/CLLC, Universidade de Aveiro

CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Os movimentos argumentativos das emoções em discursos políticos

Palavras-chave: emoção, argumentação, termos de emoção, figuras de retórica, discursos políticos.

A emoção, como forma de argumentação, sempre foi um elemento constitutivo dos discursos, surgindo já na Retórica de Aristóteles. Sejam as emoções reais (comunicação emocional) ou tenham fins discursivos (comunicação emotiva) (Plantin, 2000), o Locutor convoca-as para o seu discurso, usando diferentes modos de semiotização. O recurso às emoções é uma forma de agir sobre o alocutário, persuadindo-o em favor de uma determinada ideia ou captando a sua *pietas*. Trata-se, portanto, de uma técnica discursiva com potencial para alterar a disposição do auditório, convergindo para o aumento da eficácia de um argumento.

No plano verbal, as emoções podem ser expressas, explicita ou implicitamente, ou construídas (“visée”, na terminologia de Kerbrat-Orechhioni, 2000), recorrendo-se a termos de emoção ou outros termos descritivos, que convencionalmente são/estão associados a uma emoção. Além destes, são frequentemente utilizadas figuras retóricas, como a metáfora ou a hipérbole, que potenciam uma cena indutora de um estado de espírito que favorece a persuasão (Micheli, 2010). Embora sejam vistas, por vezes, como formas ornamentais, constituem ferramentas argumentativas, já que permitem apresentar um raciocínio de forma contundente (Reboul, 2004).

A partir de um corpus de intervenções políticas proferidas por altos representantes do Estado, analisar-se-á o material verbal, em particular as “palavras de emoção” e as figuras retóricas que contribuem para a patemização do sofrimento e da (in)justiça. Procurar-se-á demonstrar que estes elementos integram movimentos argumentativos em favor de um raciocínio e alinhados com o propósito do produtor do texto de fazer com que o outro concorde, em absoluto, com o seu ponto de vista (Charaudeau, 2016).

Nota curricular:

Docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Tem diversas publicações na área da Análise de Texto e de Discurso, debruçando-se particularmente sobre textos do domínio político. Áreas de investigação: linguística aplicada e linguística textual. Investigadora do CELGA-ILTEC (UC) e do CLLC (UA).

Stephen Bay

Brigham Young University

*The Reception of Job
in the Earliest Christian Literature*

Keywords: Ante-Nicene Church Fathers, Clement of Alexandria, Early Christian Reception of Job, Origen, Septuagint, Testament of Job.

Due to his blunt skepticism and an impatience that borders on irreverence, the Job portrayed by the Masoretic text is one of the most philosophically and theologically challenging figures of the Old Testament. Many scholars have pointed out that the original Septuagint translator of Job provided a startlingly literary translation which took the first step in rendering the message of the book less theologically problematic. However, the leap in reception from Septuagint Job to the exemplary Job of late-ancient and early medieval Christianity is still noteworthy. This paper will trace the path of the very earliest Christian reception of Job through the Epistle of James, Clement of Rome, Clement of Alexandria, Ignatius of Antioch, Justin Martyr, Origen, and Hippolytus of Rome as well as other Christian-era texts such as the *Physiologus* and the *Chronographiai*. It will also compare the reception of Job in these texts with that of the Testament of Job, a text whose relationship to Christianity is complicated by difficulty in its dating and by its manuscript tradition which was possibly altered by Christian annotators and scribes. The paper will show that the patristic reception of Job, much like that of the Testament of Job, had already progressed a great deal toward an idealized typology that would lead to a Christian reading of the story of Job as a prefiguration of the life of Christ himself.

CV:

Ludwig-Siebach-Weber Professor of Humanities at Brigham Young University; Associate Professor of Classical Studies and Ancient Near Eastern Studies at Brigham Young University; Technical Director, BYU Ancient Textual Imaging Group; Teaching and Research focus in Papyrology, the Ancient Novel, and Early Christian literature; *The Collected Papers of Ben Edwin Perry on Ancient Fiction* (2017, Champaign IL: University of Illinois Press); *Studia Palaeophilologica* (2004, Urbana IL: Stipes Press).

Teresa Vallès-Botey

Universitat Internacional de Catalunya

La figura de Job como motivo literario. El deseo de sentido ante el sufrimiento

Palabras clave: Literatura Comparada, motivo literario, Job, deseo de sentido

Es sabido que el personaje bíblico de Job ha inspirado a pensadores y artistas de todas las épocas, de manera que en la historia de la cultura occidental su figura protagoniza numerosos cuadros, esculturas y composiciones musicales, así como novelas y poesías. Mediante la exploración de las coincidencias y divergencias formales y temáticas que presentan algunas recreaciones literarias de la historia de Job, me propongo argumentar que este personaje ha dado lugar a un motivo literario, es decir, a la representación verbal de una situación típica que se repite, una situación estereotipada como la de otros motivos literarios identificados por la literatura comparada como 'el amor imposible' (representado por ejemplo en *Romeo y Julieta*) o 'el injusto destierro' (encarnado, entre otros, por *El Cid*). Para caracterizar el motivo literario de Job será necesario analizar qué elementos de la historia bíblica perduran en las obras inspiradas en ella y qué transformación ha sufrido al adaptarse a épocas y cosmovisiones distintas. ¿Es el deseo de una explicación racional ante el sufrimiento un elemento característico de este motivo literario? ¿Aporta propiamente una explicación al dolor el desenlace del relato bíblico? ¿y la novela filosófica de Voltaire *Zadig* (1747), la novela breve de Joseph Roth *Job. Historia de un hombre sencillo* (1930) o el poemario *Fragmentos del Libro de Job* (1998) de Carlos Pujol?

CV:

Teresa Vallès Botey es Doctora por la Universidad Pompeu Fabra, Máster en Literatura Comparada: Estudios Literarios y Comparados (Universidad Autónoma de Barcelona), Máster en Ciencias Cognitivas y Lenguaje (Universidad Autónoma de Barcelona) y Licenciada en Filología Catalana (Universidad de Barcelona). Premio Extraordinario de Doctorado de la UPF y *visiting scholar* en la Universidad de Leuven (Bélgica), Universidad de Leiden (Holanda), Universidad de Berna (Suiza) y Universidad de Tel Aviv (Israel). Actualmente es profesora de Literatura Comparada en la Facultad de Humanidades de la Universitat Internacional de Catalunya (Barcelona, España), de la que ha sido decana. Dirige el grupo de investigación Carlos Pujol, Literatura y Humanismo (SGR 383, 2017-2021) y es responsable del Fondo Personal Carlos Pujol. Ha publicado artículos académicos en revistas nacionales e internacionales como *Ínsula*, *Revista de Occidente*, *Signa*, *Revista Chilena de Literatura*, *Hispanic Research Journal*, *Bulletin of Hispanic Studies* y *Anales de Literatura Española Contemporánea*. A lo largo de su trayectoria investigadora ha publicado 15 artículos en revistas indexadas (10 en WOS, de los cuales 2 son Q1 y 3 son Q2), 2 libros en editoriales de prestigio y 19 capítulos de libro.



apoios

Apoios

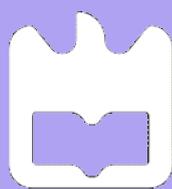
universidade de aveiro  **dlc** departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este congresso é financiado por fundos nacionais, através da
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do
projeto UIDB/04188/2020

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



universidade
de aveiro